

## RAÇA E CULTURA

---

Morei certa vez, por seis meses, num apartamento em Lisboa com pessoas de várias nacionalidades e hoje, numa data feita para lembrar um dos capítulos mais funestos da humanidade — o fenômeno do racismo —, quero contar uma história pessoal que me mudou.

Cheguei àquele apartamento, no extremo subúrbio de Lisboa, uma das áreas mais pobres e degradadas, majoritariamente de fala portuguesa, com gente do Brasil, de Angola, de São Tomé, de Mogadíscio, de Madagascar, e alguns de Portugal mesmo.

A língua não me era familiar, mas em algumas gírias lembrava formas dialetais da minha própria cidade — e a memória histórica de que os portugueses um dia haviam colonizado a minha terra não era só provável, era certa.

Uma expressão que sempre me fazia sorrir era quando diziam, em português, FOCU MEU — que no dialeto calabrês tem o mesmo significado.

Eu prestava atenção em tudo. Alfonso, Osvaldo, Paolo, Roberto, Antonio, Ramon me esperavam toda noite para o jantar. Eu era o mais velho, e eles queriam as minhas histórias.

Uma história que entrou para a história foi a da bruschetta, da bussetta e do busadero — três palavras, três coisas completamente diferentes — e eu brincava com isso, tecendo as minhas histórias, fingindo não entender, criando sobreposições e mal-entendidos de propósito, e todo mundo acabava se acabando de rir.

Eles me faziam contar as histórias em português e, no fim de cada uma, eu soltava um “vaffanculo” em italiano, como uma espécie de descarga libertadora, e todo mundo sorria.

Ninguém jamais reparou na cor da minha pele. Eu era o único homem branco entre tantas outras cores, mas à noite, reunidos, éramos um arco-íris de alegria e sorrisos.

Eles até garantiam que eu tivesse o que comer quando eu não tinha dinheiro para comprar, e faziam isso com dignidade e elegância, enquanto me diziam que eu era um professor de comunicação, um safado com as mulheres, e alguém que havia transformado a própria mente num tesouro para dar, nunca para explorar.

Então, a quem me lê: é assim que se parece um mundo em movimento — e, quando você menos espera, chega a ajuda mais impensável, do jeito que só os portugueses sabem dar.

Adeus, amigos,

---

*Ferdinando*

